

VIDA E MORTE DE UMA COOPERATIVA DE RECICLADORES: INTRODUÇÃO AO ESTUDO ETNOGRAFICO DA COOPERATIVA RECICLAVEL INTEGRAÇÃO E AÇÃO SOCIAL (CRIAS-BGV), PELOTAS/RS

ANDRE LUIZ ALVES BONIFACIO¹; CLAUDIA TURRA MAGNI²

¹Universidade Federal de Pelotas – andrebonifacio89@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – clauturra@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Faz parte do cotidiano das pessoas, independente do porte da cidade, ter que lidar com os problemas relacionados com lixo. Esse fenômeno de separar as coisas que não possui mais um significado a outrem, que arbitrariamente teve o fim de sua vida social (APPADURAI, 2007), é reconhecido como lixo, e vem sendo uma preocupação cada vez mais premente. No entanto, isso não é uma prerrogativa exclusiva da sociedade contemporânea, muito pelo contrário, as relações entre as sociedades humanas com o gerenciamento dos resíduos perdem-se no crepúsculo do tempo e disseminam-se espaço. Seja aqui no sul do Rio Grande Sul, na cidade de Pelotas, ou em qualquer outro lugar do mundo, o lixo constitui um fator indissociável das atividades da vida em sociedade, e desse modo não é exagero nenhum argumentar que o lixo e seus significados, desde o início da humanidade, constituem foco imprescindível das nossas atenções (WALDMAN, 2010). Nesse sentido a gestão de resíduos redesenha paisagens inteiras, demarcada territórios específicos e até mesmo estigmatiza pessoas (GOFFMAN, 1980) que trabalham com a atividade da catação-reutilização-reciclagem.

O crescimento dos resíduos é uma questão que condiz com os efeitos da globalização da “sociedade do consumo”, pois “o consumo é um processo ativo em que todas as categorias sociais estão sendo continuamente redefinidas” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2004 p. 112) está, portanto, no centro das discussões de cunho antropológico contemporâneo. O consumo aqui é compreendido como um processo social dinâmico e plural, elaborador de significados simbólicos e identidades que nos auxiliam na compreensão e no ordenamento do mundo a nossa volta (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2004).

A gestão do lixo na cidade de Pelotas/RS é realizada por uma multiplicidade de sujeitos em prol de uma cidade mais limpa. São, principalmente, lixeiros do Serviço de Limpeza Urbana (SLU), coletores da Coleta Seletiva e também catadores que se revezam nas mais diferentes performances e destinações na gerência do lixo. Nesta esteira, o objetivo deste trabalho é oferecer uma visão específica e contextualizada da gestão de resíduos realizada em uma cooperativa de catadores de material reciclável da periferia urbana, a Cooperativa de Trabalho Reciclagem Integração e Ação Social do bairro Getúlio Vargas, ou simplesmente CRIAS-BGV. Organizados dentro da ótica da economia solidária (SINGER, 2002), a cooperativa operacionaliza seu trabalho na regularidade da autogestão, da valorização dos funcionários e da própria periferia.

2. METODOLOGIA

A pesquisa de campo, realizada ao longo de um ano de encontros com os cooperativados da CRIAS-BVG, no bairro Getúlio Vargas, esteve baseada no método etnográfico (MALINOWSKI, 1978; GEERTZ, 1989), de âmbito qualitativo, procurou descrever as práticas e representações dos recicladores desta

cooperativa, mais precisamente, suas dinâmicas de trabalho de reciclagem, sua história e a pluralidade dos envolvimento políticos, sociais e institucionais. Por ser um trabalho realizado no meio urbano adotou-se a postura antropológica de “transformar o familiar em exótico” (DAMATTA, 1978).

No início da pesquisa, procurei deixar-me “levar-se” pelo fluxo, sem preocupar-me tanto com os problemas teóricos; ou seja, conforme a etnógrafa que concebeu a técnica da observação flutuante ela “consiste em permanecer vago e disponível em toda a circunstância, em não mobilizar a atenção sobre um objeto preciso, mas em deixá-la ‘flutuar’ de modo que as informações o penetrem sem filtro, sem à priori, até o momento em que pontos de referência, de convergências, apareçam e nós chegamos, então, a descobrir as regras subjacentes” (PETONNET, 2008 p. 99).

Por outro lado, com base na técnica de observação participante (MALINOWSKI, 1978), realizei entrevistas, gravações e anotações em diário de campo com recicladores, compartilhando o cotidiano com os sujeitos envolvidos e a relação deles com a cooperativa CRIAS-BGV. Importante ressaltar essa questão de estar junto com eles, pois assim não estou falando sobre eles e sim com eles (GEERTZ, 1989).

Na sensibilidade do olhar, ouvir e escrever (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000), procurei capturar os anseios, a memória, as práticas atuais e os projetos futuros dos recicladores. Este trabalho ocorreu em duas etapas. Na primeira, realizada em campo, foram feitas anotações sobre as práticas e as falas mais significativas dos sujeitos, como por exemplo, a respeito do seu saber-fazer habitual sobre o trabalho de separação dos materiais, entre recicláveis e inservíveis, e os acontecimentos atuais. A segunda, na ordem do afastamento de campo, realizei as análises antropológicas mais profundas sobre esses recicladores, procurando interpretações de nível micro e macro visando contextualizar a relação destes sujeitos com o pesquisador, e compreender os sistemas de consumo e descarte. É nessas duas ordens da escrita narrativa, valorizando a perspectiva do encontro com o outro, o colaborador, e buscando uma descrição densa de significados simbólicos (GEERTZ, 1989), que começa a fluir a etnografia.

Por fim, as preocupações éticas, do respeito e do bom senso para com os sujeitos de pesquisa, sendo intrínsecas ao fazer antropológico, balizaram a nossa forma de produzir conhecimento (CLIFFORD, 1998).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Getúlio Vargas, considerado um dos sub-bairros da região administrativa denominada Três Vendas, possui uma área total de 1.884.679,74 m², localizada aproximadamente a 11 km do centro de Pelotas. Nele foram previstos 4.532 lotes, distribuídos em 161 quadras, com uma média de 30 lotes cada um. O loteamento foi implantado na segunda metade da década de 80, e as famílias eram assentadas sem infraestrutura, não havendo demarcação de ruas, quadras e lotes. O abastecimento de água era feito por caminhões pipa. Os moradores mais antigos contam que já passaram por muitos episódios de descaso do poder público, mas atualmente desfrutam de água encanada, luz e possibilidade de acesso à internet. No entanto, cabe ressaltar que o saneamento básico ainda está comprometido, com o esgoto a céu aberto e montantes de lixo em locais específicos.

O presidente da cooperativa Giovane Lessa, que mora há quase 20 anos no bairro, atenta para as situações da sua comunidade, principalmente quanto à falta de emprego. Ele relata suas experiências coletivas de autogestão enquanto morava no Uruguai, tendo sido um dos catalizadores do sentimento de

cooperativismo (NAMORANDO, 2005), que deram início, no final dos anos 2000, à concretização de uma cooperativa de reciclagem. Assim nasce a CRIAS-BGV.

A construção do galpão da CRIAS-BGV para que os cooperados pudessem de fato trabalhar perpassa várias narrativas. Situada na Rua 20, nº 453, no Bairro Getúlio Vargas, é uma cooperativa cujos objetivos são coletar, selecionar, transformar e reciclar lixo em geral, além de industrializar e comercializar os produtos resultantes dessa reciclagem. Neste contexto, a Cooperativa se constitui como uma iniciativa comunitária dos moradores locais, objetivando constituir alternativas à situação de miserabilidade social, falta de oportunidades e desemprego.

Durante seu período de atividade da CRIAS-BGV, cerca de 20 cooperados trabalhavam diariamente, cinco dias por semana. A rotina ocorria da seguinte maneira: dez cooperados trabalhavam no período da manhã e outros dez no período da tarde. Autogestionados numa lógica desierarquizada desenvolviam afazeres diversos: alguns ficavam na prensa do material reciclado e outros na pesagem do mesmo. De maneira geral, a divisão social do trabalho era revezada, partilhando princípio de reciprocidade (MAUSS, 2011). Em consonância com os horários e os dias do Serviço de Limpeza Urbana, os cooperados se antecipavam e recolhiam os materiais recicláveis dentro de sacos de lixos procedentes dos Resíduos Sólidos Domiciliares (RDO). O RDO é comprovadamente muito heterogêneo (WALDMAN, 2010), podendo conter desde os materiais recicláveis aproveitáveis pela cooperativa, tais como alumínio, cobre, plásticos (garrafa pet); os demais, mesmo que recicláveis, como vidro e componentes eletrônicos, por exemplo, não eram utilizados por essa cooperativa.

Guiado pelo conceito de uma hermenêutica do espaço, podemos dizer que a arquitetura da cooperativa relaciona-se com a sua própria narrativa (RICOEUR, 1998), o que nos leva a refletir sobre a sua memória, história e projeto, que entrou em desacordo com os planejamentos prévios de como seria a sua construção. O galpão, inicialmente projetado dentro das regularidades fiscais e judiciais, com projeto aprovado pelo engenheiro civil da prefeitura, não atingiu a finalidade da construção, comprometendo a estrutura, que não tinha banheiros e circulação de ar. Foi feito apenas um galpão simples, que descumpria o projeto inicial, não oferecendo a comodidade básica para os trabalhadores. Nesse sentido, através de medidas provisórias, os cooperados, com a ajuda mútua da comunidade do bairro, levantaram um anexo que serviu como banheiro e escritório para que as atividades pudessem ser realizadas com o mínimo de dignidade. Toda essa situação aconteceu devido a um desentendimento político e judicial, posteriormente havendo um processo que está em investigação no Ministério Público sobre desvio de verba que teria sido feito pela Associação de Trabalho e Economia Solidária (ATES). Reportando esses acontecimentos para a administração da Prefeitura, que tem objetivos políticos e ideológicos distintos das questões comunitárias, não ofereceu ajuda para a cooperativa se reestabelecer.

Atualmente o trabalho da cooperativa, por consequências de questões políticas, de empreendedorismo e por conta de um roubo de dinheiro de um antigo cooperado, que era tesoureiro, encontra-se parado. Giovane Lessa alerta para o fato de que a cooperativa não está fechada como muitos pensam, eles mantiveram o galpão e partiram para uma briga político-judicial, visando que, no futuro, a comunidade possa usufruir dos benefícios de cunho de intervenções sociais.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa realizada até o momento permitiu chegar às seguintes conclusões:

A manutenção de um micro espaço dedicado à coleta, demanda um esforço contínuo junto aos diversos atores: Fundação Banco do Brasil; ONG Guail; Ministério Público.

A sociedade carece de conscientização sobre políticas públicas que contemplem boas práticas do manejo do lixo, como por exemplo: Mudanças de comportamento a nível pedagógico; reforço práticas como os 5R's (Repensar, Reduzir, Recusar, Reutilizar e Reciclar); responsabilidade compartilhada (que sinaliza o compromisso que vinculará o Estado, empresas e consumidor na separação e destinação correta do lixo); poluidor-pagador; logística reversa (estrutura que buscará lógicas para recolhimento e reciclagem dos produtos no pós-consumo).

Os trabalhadores não devem ficar restritos ao trabalho mecânico, mas precisam ter empreendedorismo e sair da zona de conforto para poderem enfrentar ou mitigar as turbulências que são comuns as organizações, evitando assim interrupções desnecessárias ao projeto, que causam grande impacto econômico e social na vida dos cooperados.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989
- GOFFMAN, Ervin. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Brasil: Zahar Editores, 1980.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo Cosac Naify, 2011.
- SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.
- WALDMAN, Maurício. **Lixo: Cenários e desafios**. São Paulo: Cortez, 2010
- APPADURAI, Arjun. Introdução: Mercadorias e a política de valor. In: **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: EDUFF, 2008.
- BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. O estudo do consumo nas Ciências Sociais contemporâneas. In: **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2007. p.21-44.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: UNESP, 2006. p. 17-35.
- CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
- DAMATTA, Roberto. "O ofício de etnólogo ou como ter anthropological blue" In: NUNES, Edson de Oliveira (Organizador). **A Aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. Os usos dos bens. In: **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004. p.101-118.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução. In: **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, Pensadores, Atica, 1976. p. 17-34.
- PETONNET, Colette. A observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. In: **Antropolítica**, n. 25, 2008. p. 99-111.
- RICOUER, Paul. Arquitetura e Narratividade. **Urbanisme**. Paris, n.303, p. 44-51 nov/dez 1998.
- NAMORANDO, Rui. **Cooperativismo: Um horizonte possível** UFPR. **Videoconferência**. Coimbra, 11 de mar. 2005. Acessado dia 24 jun. 2015. Online. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/229.pdf>